

Cenários do cotidiano

A minha pintura é povoada de narratividade. Represento histórias que se cruzam e se sobrepõem. Aqui confrontam-se mundos em diferentes cenários e linguagens. São narrativas que se completam e valorizam mutuamente, integrando-se na sua diversidade. São fábulas sobre a vida quotidiana, são cenários de arquiteturas impossíveis, provenientes de memórias imprecisas.

A arte permite-nos repensar o mundo, questionar a realidade e desconstruí-la em ficções imaginadas. Por isso, preparei esta série de pinturas explorando uma questão da atualidade: saber lidar com as consequências da rotina e com as dificuldades do quotidiano, conciliando a vida com o trabalho, num equilíbrio quase impossível de conseguir.

Na atualidade, a rotina desgasta e preenche todo o espaço da vida, que estava destinado a outras vivências. Vivemos um tempo onde a disponibilidade é um luxo, que nos deixa reféns de um egoísmo involuntário. Como gerir expectativas neste contexto, em que o tempo nos foi confiscado? Conciliar a vida pessoal com a profissional tornou-se um exercício de contorcionismo acrobático.

Represento aspetos da vida quotidiana, do isolamento em que vivemos, tecendo uma rotina completamente absorvente. Pinto personagens que se transformam em ilhas de solidão, que usufruem do seu conforto e de momentos de lazer em casas labirínticas, em condomínios seguros e confortáveis onde constroem muralhas de egoísmo e ausência. Estes indivíduos deambulam nas avenidas olhando os seus relógios, carregando as almofadas onde descansam, pagando o preço do seu conforto. São figuras monocromáticas que circulam apressadas, regressando às suas casas ao final do dia, reunindo-se após a loucura da rotina diária. Depois dos atropelos, das armadilhas, das tramas, podem descer pairando para a realidade que mais prezam, caindo suavemente dentro das paredes das suas casas, para finalmente desfrutar do conforto que as faz correr tanto.

Recorro à representação de piscinas, que de certo modo representam um espaço vital. Localizei-as no alto de torres e de construções inóspitas, como lugares de isolamento, onde as personagens surgem sozinhas. Estas personagens invocam a questão do individualismo: estão em lugares de recreio e de lazer completamente sós, como se estivessem a tentar divertir-se sem companhia.

Represento figuras humorísticas que caem do céu agarradas a guarda-chuvas, em momentos de suspensão, nas rotinas e no quotidiano.

Planifico casas labirínticas e enigmáticas onde se sucedem portas atrás de portas. Muralhas de isolamento, labirintos enigmáticos. São resguardos do ser. Estas habitações erguem-se e posicionam-se na paisagem cartesiana sem coordenadas definidas, em geometrias variáveis e perspetivas irregulares. Neste espaço cartesiano, está presente a linha de terra que delimita diferentes realidades.

Nas avenidas deambulam personagens-tipo e caem de paraquedas alguns objetos de conforto. Maples, cadeiras e sofás pairam sobre as personagens, como objetos de desejo, atribuídos de forma aleatória, tecendo a sorte dos dias, em destinos sonhados como fatalidades improváveis. Proponho uma reflexão sobre os tempos que correm, onde fomos confrontados com o tempo e o espaço exíguo e diminuto das nossas vivências. O tempo está suspenso e a realidade está plasmada num espaço empírico, desenhado com perspetivas incertas e em simplificações redutoras. Este é o espaço das vivências, enquadrado no horizonte das expectativas, sob a atmosfera da fatalidade. Cada indivíduo cumpre o seu quotidiano, regressando ao seu labirinto impossível, pairando sobre as contingências das suas vivências.

Nesta época em que parámos devido à pandemia, em que a incerteza e a ansiedade nos assolam constantemente, proponho uma fuga. Proponho uma reflexão sobre a forma como deixamos a rotina e o quotidiano ocupar todo o espaço e tempo das nossas vidas. Um regresso a casa e ao nosso espaço vital. Um regresso à disponibilidade, uma suspensão no tempo, valorizando as coisas significativas que possuímos e que estão ao nosso alcance. Uma pausa nas deambulações rotineiras para pairar sobre os sonhos que fomos construindo.